

O Agente das
Galáxias

**Os Hackers de Mentes
e as Sementes da Revolução**

Fabio Toledo

O Agente das
Galáxias

**Os Hackers de Mentes
e as Sementes da Revolução**



Copyright© 2014 por Brasport Livros e Multimídia Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sob qualquer meio, especialmente em fotocópia (xerox), sem a permissão, por escrito, da Editora.

Editor: Sergio Martins de Oliveira

Diretora: Rosa Maria Oliveira de Queiroz

Gerente de Produção Editorial: Marina dos Anjos Martins de Oliveira

Revisão: Maria Helena A. M. de Oliveira

Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Capa: Trama Criações

Ilustração: Diego Jovanholi

Técnica e muita atenção foram empregadas na produção deste livro. Porém, erros de digitação e/ou impressão podem ocorrer. Qualquer dúvida, inclusive de conceito, solicitamos enviar mensagem para editorial@brasport.com.br, para que nossa equipe, juntamente com o autor, possa esclarecer. A Brasport e o(s) autor(es) não assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso deste livro.

TG49a

Toledo, Fabio

O agente das galáxias: os hackers de mentes e as sementes da revolução /
Fabio Toledo – Rio de Janeiro: Brasport, 2014.

ISBN: 978-85-7452-697-3

1. Literatura infantojuvenil I. Título

CDD: 028.5

Ficha catalográfica elaborada por bibliotecário – CRB7 6355

BRASPORT Livros e Multimídia Ltda.

Rua Pardal Mallet, 23 – Tijuca

20270-280 Rio de Janeiro-RJ

Tels. Fax: (21) 2568.1415/2568.1507

e-mails: marketing@brasport.com.br

vendas@brasport.com.br

editorial@brasport.com.br

site: **www.brasport.com.br**

Filial SP

Av. Paulista, 807 – conj. 915

01311-100 – São Paulo-SP

Tel. Fax (11): 3287.1752

e-mail: filialsp@brasport.com.br

Dedicatória

Dedico este livro primeiramente a Deus, a seus Anjos de Luz e a todas as crianças. Dedico-o ainda a meus pais, Henrique e Iara Toledo. Devo a vocês tudo o que tenho e sou. Vocês são meus eternos mentores e os verdadeiros autores desta obra, pois este livro reflete tudo o que sempre me ensinaram ao longo da vida.

Dedico este livro também a meus eternos e preciosos amores, minha esposa e meus filhos, Erica, Gabriel e Sophie Toledo. Dedico-o ainda aos demais membros de minha família, em especial a minhas irmãs e minha sobrinha Soraia, Vanessa e Manuela Toledo, minhas tias Regina Teixeira e Cleusa Oliveira, meus avós de coração, Licério e Celi Andrade, e a meus sogros e cunhados Batista, Selma, Rodrigo e Fabiana Silva.

Agradecimentos

Este livro é fruto de muito trabalho e dedicação.

Agradeço a todos os que me ajudaram nessa tarefa, em especial minha família e a família Suassuna, pelo apoio e pelos sábios ensinamentos.

Sumário

Introdução	1
1. A Penetra Intergaláctica	9
2. Os Hackers de Mentes	17
3. A Academia Germinariana e o Traje Biônico	29
4. Exercendo a Felicidade, a Força de Vontade e a Criatividade.....	41
5. Bandeças, Eureka!.....	65
6. O Nascimento do Líder de Leônidas e sua Tropa	79
7. O Mistério de Lúcius.....	89
8. Missão Cavernas Secretas	95
9. O Conselho Germinariano	103
10. As Sementes da Revolução	111
Bibliografia	117

Introdução

Aquela bela paisagem do mar associada ao nascer do sol, vista através das lajes sobrepostas não deixava dúvidas de que mais um belo dia raiava na Favela da Mata, pequena comunidade carente na zona sul do Rio de Janeiro. Aos poucos, um alvoreço bonito de se ver se formava: os becos se enchiam de cidadãos que desciam as ladeiras rumo ao trabalho. O clima descontraído era reflexo daquela gente, na grande maioria honesta, guerreira, alegre e batalhadora, que lá habitava. Nem parecia que aquelas pessoas passavam por tantos apertos e necessidades.

Do alto da laje de seu barraco, no entanto, uma figura triste contrastava com aquela visão. Seu olhar contemplava o nada. Aquela que sempre teve tanta fé havia desistido de rezar. Lágrimas teimavam em descer daqueles olhos negros e cansados. Era Maria de Fátima, mais conhecida na comunidade como Fatinha, esposa de Zé Garoa; sujeito perigoso, mau elemento, que impunha respeito na comunidade, juntamente com seu bando, através da violência. Por dormir de dia e permanecer acordado à noite, exposto ao tempo, ganhou esse apelido na comunidade. No alto de seus 32 anos, lá estava ela, desiludida e entristecida. Após mais uma briga com o marido, olhava seus poucos bibelôs, aos pedaços, jogados ao chão, fazendo companhia ao que sobrara de sua TV. Em silêncio, ela refletia:

“Como aquele homem carinhoso pode ter mudado tanto?”

“Ah, se eu tivesse escutado minha mãe! Tantas e tantas vezes ela me avisou.”

Há muito, Fatinha perdera a razão de viver; apenas sobrevivia, dia após dia. Não parecia mais aquela jovem convicta de cinco anos antes, que, contra tudo e contra todos, deixara para trás sua família e seu vilarejo, no interior do Rio de Janeiro, para viver um sonho ao lado de seu amado. Aquele moreno alto e musculoso encantou a linda jovem interiorana, de pele alva e cabelos longos e lisos, com promessas de uma vida melhor e feliz que não se concretizaram. Abririam juntos uma pequena confecção

de roupas na comunidade e seriam felizes. *Pouco com Deus é muito*, sempre repetia. Ela não desejava luxo ou riquezas, só sonhava em ser feliz ao lado de seu amor. Porém, em poucos meses, seu sonho tinha se tornado um pesadelo que parecia não ter fim, onde predominavam discussões e mais discussões. Em sua cidadezinha, nunca teve luxo, mas era feliz.

Fatinha foi obrigada por Zé a desistir de seus sonhos e cuidar da casa; lá é que era lugar de mulher direita, ele é quem tinha que sustentá-la. Ela era contra a vida que Zé levava, aquilo contrastava com todos os seus princípios e valores. Aprendeu com seus pais que apenas com muito suor e trabalho duro é que se vence na vida, ao menos de forma digna. Apesar disso, não tinha coragem de deixá-lo. Dia após dia ela se iludia, dizendo a si mesma que logo tudo aquilo ia passar. *No fundo Zé é um bom moço, ele vai voltar a si*, repetia exaustivamente para abrandar sua dor. *Afinal, qual seria a outra opção?*, pensava. Para onde iria se o deixasse? Sua família jamais a aceitaria de volta, depois de tudo...

Mal sabia ela que, justamente naquele ambiente, em meio a tanta dor, aconteceria algo que mudaria sua vida para sempre, e para melhor. Ainda que não tenha sido isso o que ela pensou na hora...

Lá estava ela, entretida em seu desânimo, quando foi surpreendida por alguém batendo insistentemente na porta. Quem seria àquela hora da manhã? Surpresa ficou ao abrir a porta e deparar com ninguém, ou melhor, com um cesto. Com certeza era um presente de dona Isabel – no dia anterior ela havia consertado um vestido rasgado dela. *Não precisava, mas tomara que seja um de seus deliciosos bolos de coco*, pensou. Ledo engano! Tratava-se de uma espécie de bercinho, e não de um cesto, e dentro dele havia um lindo bebê. Ao se dar conta, fechou a porta imediatamente. Como criaria um bebê àquela altura? Por certo devem ter só apoiado o berço... já já alguém virá buscá-lo. Os princípios que herdara de seus pais e seu instinto materno, no entanto, não a deixaram ignorar aquela situação. Sempre quisera ser mãe, claro que imaginava criá-lo em um ambiente feliz, mas... Lentamente, abriu a porta de sua casa e entrou com o bebê.

Tratou de examiná-lo. Era uma criança saudável, bem cuidada, portando uma roupinha fina. Tinha uns três meses, no máximo, e lindos olhos esverdeados e penetrantes. Dentro do berço, um bilheteinho chamava atenção: “por favor, cuide de mim com amor”, era tudo o que dizia.

E lá estava ela, diante daquele lindo menininho, que mexia seus pezinhos e bracinhos pedindo colo, o que prontamente concedeu. Nesse momento, encontrou no interior do berço algumas coisas que chamaram sua atenção: além de mamadeira, chupeta e outros apetrechos de bebês, havia uma espécie de diário escrito em um idioma que ela desconhecia e estranhos artefatos eletrônicos. Com exceção de um treco retangular que parecia um cartão de banco, porém mais grosso, todas eram circulares. Tinham a forma de uma laranja cortada ao meio, porém eram transparentes e tinham placas eletrônicas dentro. E o mais curioso objeto de todos: um bracelete do qual emanava uma luz azul.

Que estranho!, pensou. Alguns poucos minutos mais tarde, se daria conta de que isso era apenas uma pequena parte do mistério que envolvia aquela criança. O bebê tinha olhos grandes e afetuosos que nela provocaram uma sensação estranha, mas agradável. Ao olhá-los fixamente, era como se ficassem cada vez mais claros, até que assumiam um formato de estrela. Nesse momento, era como se ela pudesse se comunicar com o bebê através da mente; tinha a estranha sensação de perceber os sentimentos dele através dos olhos. Como isso seria possível? Era algo inexplicável, inacreditável, inimaginável!

Claro que só pode ser impressão minha! Devo estar ficando louca..., pensou. Por certo eram seus instintos maternos que a floravam. A confirmação de que se tratava de algo único, porém, não tardaria. Minutos depois, ao olhá-lo nos olhos, ela teve a nítida sensação de ter ouvido dentro de sua cabeça:

— Estou com fome!

Imediatamente balançou a cabeça negativamente e passou a mão nos cabelos, como se tentasse tirar aquele pensamento insano dela. No entanto, quanto mais desviava o pensamento, mais alta e insistente aquela voz ecoava em seu cérebro. Já quase com dor de cabeça, resolveu ceder. Encheu uma mamadeira com leite e deu ao bebê. Em seguida, o viu sorrir e agradecer com os olhos. Pois é, “agradecer com os olhos”... por mais estranho que possa parecer, era essa a sensação que ela teve; estava convicta, agora, de que aquela criança era especial!

Inúmeras questões vieram imediatamente à sua cabeça: por que haveria de aquele bebê ter sido colocado justamente em sua porta? Como conta-

ria aquilo ao Zé? Aquele bebê precisava de tantas coisas, e ela nada tinha a oferecer... seu pensamento silenciou-se ao ouvir, bem dentro de sua mente:

— Me deixa ficar... você tem tudo o que preciso.

Não era possível, ele também podia ler seus pensamentos? Bom, pouco importava isso agora, pois aquelas palavras a tocaram de tal forma que jurou para si mesma que, enquanto estivesse viva, se dedicaria a educar aquela criança!

Mas como chamá-lo? Será que já tinha nome?

Tornou a ler o bilheteinho, procurando por um nome, em vão...

— Miguel, Miguel Andrade.

Foi o que respondeu, alguns meses depois, ao ser indagada pelo atendente ao registrar aquele bebê. Graças a um defensor público, ela fez todo o processo legal e conseguiu ter prioridade na adoção.

Por dias tentou buscar notícias de seus pais na comunidade, em vão. Nem mesmo a fofoqueira da Maria de Lourdes viu quem deixou aquele bebê lá. Após muita discussão com Zé, que não queria ter que alimentar mais uma boca, e muito quebra-quebra, conseguiu convencê-lo. No entanto, Zé tratou de deixar claro que ela teria que cuidar sozinha daquele “traste”; ele não queria nem vê-lo na sua frente.

Fatinha guardava consigo os poucos bens e os segredos referentes aos dons de Miguel, ao mesmo tempo em que se preocupava com seu futuro. *As pessoas não estão prontas para entender, pensava, mas não poderei escondê-lo para sempre...*

O tempo passava e naquele ambiente de desavenças crescia Miguel. Alheio a isso e às más influências de Zé Garoa, Miguel era criado sob rígidos princípios morais e muito amor. Quando Miguel atingiu certa maturidade, ela lhe contou a verdade sobre sua adoção, e ele foi criado sabendo que Maria de Fátima era sua mãe de coração. Para ele, isso pouco importava, mas guardava uma curiosidade enorme de descobrir suas origens. Ela o ensinava a ser uma pessoa de caráter e de bom coração e a lutar para conquistar seus sonhos dignamente, com seu esforço e trabalho, tal como aprendera. Graças a ele, e para ele, Maria de Fátima voltou a viver! Voltou até a rezar, agradecia diariamente a Deus por aquela bênção em sua vida.

Miguel era uma criança diferente. Custou muito a falar, talvez por causa de sua capacidade de comunicação mental cada vez mais a florada.

Mas falava assim apenas com ela; ao menos ninguém nunca havia comentado nada a respeito. Entretanto, quando começou a falar, aos três anos de idade, o fez lendo uma palavra de sua blusa. Ela custou a acreditar, mas poucos meses depois ele já lia frases completas, sem que nunca ninguém tivesse ensinado, e já fazia algumas operações matemáticas.

A cada dia Miguel se mostrava um garoto prodígio e ela achou que ele precisava de um tratamento diferenciado. Foi quando os problemas começaram.

Mal entrou na creche, aos quatro anos, as professoras perceberam que ele já havia se alfabetizado por conta própria. Era completamente diferente das outras crianças: sabia ler, interpretar e escrever. Logo ele ficou famoso na Favela da Mata. Não tardou até a rádio local pedir uma entrevista para falar sobre o menino e chamar atenção de Zé. Apesar de ter prontamente rejeitado conceder a entrevista, aquela criança estava chamando atenção demais – tudo o que Zé Garoa não queria.

Ele ameaçou colocá-la no olho da rua e, em meio a muita discussão, pela primeira vez, além da tradicional quebradeira, ameaçou bater em Maria de Fátima. Ao levantar seu braço para estapeá-la, caiu por terra. Sentiu uma dor de cabeça imensa, como nunca sentira antes. Uma voz ecoava em seu cérebro:

– Saia daqui! Saia daqui!!!

– Quem está falando isso? Sai da minha cabeça!

Subitamente ouviu:

– Eu, Miguel!

Quase se urinou todo ao ver uma estrela no lugar dos olhos do guri!

– Isso é coisa do cão! Te mato, sua peste! – disse Zé, aos gritos.

Quanto mais esbravejava, mais aumentava sua dor de cabeça.

– Manda essa praga parar! Manda esse infeliz parar, Fatinha!

– Calma, Miguel... calma...

Com carinho, ela o acalmara e assim cessou o tormento de Zé Garoa, que saiu do barraco em disparada.

Fatinha repreendeu Miguel pelo feito. Não podia expor seus dons! Mas, no fundo, estava feliz porque ele a protegera. Seu guri era especial! Riu sozinha ao pensar que ele era um super-herói ou algo assim; imagi-

nou-o de capa e tudo voando por aí! Miguel também sorriu ao perceber seu pensamento. Juntos riram por vários segundos, desfazendo prontamente o ambiente de violência que se formara anteriormente. Miguel era mestre nessa arte.

Naquele dia Fatinha decidiu tirar Miguel da creche – mas o que seria daquele moleque sem educação? *Bom, depois vemos isso*, pensou.

Miguel permaneceu longe da escola até os seis anos de idade. A intenção de Fatinha era fazer a comunidade esquecer do quão era especial; de certa forma, isso ocorreu. Ele finalmente havia se enturmado um pouco, apesar de sua timidez e da superproteção de Fatinha: jogava bola na várzea, soltava pipa, brincava de bola de gude, ia à praia; como amava o mar! Graças aos seus óculos “fundo de garrafa”, ele sofria piadinhas frequentes dos amigos, mas não revidava. Ele era magrinho e, apesar dos olhos claros, era um típico mestiço; tinha pele alva e cabelos um pouco crespos. Desde que tomou certa consciência de seus dons e do efeito que causava nas pessoas, Miguel passou a camuflá-los. Com exceção de Zé Garoa. Volta e meia Miguel o encarava com um olhar ameaçador e, em seguida, se divertia consigo mesmo. Percebendo que os dons de Miguel se aperfeiçoavam a cada dia, de uns tempos para cá, Zé Garoa até vinha tratando Fatinha melhor.

Mas, engana-se quem pensa que Zé se rendeu facilmente; ele tentou desafiar Miguel outras vezes, porém sempre era surpreendido. Na última vez, Miguel, que já tinha desenvolvido a habilidade de se comunicar com animais, fez com que várias aranhas o atacassem. Zé Garoa não temia nada, exceto aquele inseto horrendo. Miguel havia lido isso em sua mente. As aranhas eram grandes, negras e de pernas grossas. Essa traquinagem foi o suficiente para que Zé Garoa evitasse Miguel a todo o custo; teve pesadelo com elas por vários dias. Acordava aos berros, aterrorizado.

A partir dos sete anos, Miguel passou a frequentar uma escola municipal próxima à comunidade. Vivia “aéreo”, pois tinha total domínio do que suas professoras diziam. No entanto, fingia estar aprendendo, e até errava uma questão ou outra de propósito. Certo dia, no recreio, deparou-se com um panfleto que faria sua vida dar uma guinada: ele falava de um curso de informática que estava sendo oferecido gratuitamente por uma ONG na comunidade. Miguel estava ansioso para acabar a aula.

Foi um dos primeiros a se inscrever – e foi nesse dia que conheceu Clara. No alto de seus trinta e poucos anos, era alta, loira de olhos claros e tinha cabelos curtos. Ela era nascida e criada na comunidade, mas atualmente morava em Ipanema. Era psicóloga, mas também era profunda conhecedora de tecnologia e inovação, dava até aula. Clara amava esportes radicais e a natureza.

Amorosa e atenciosa, Clara encantou-se por Miguel desde o primeiro momento. Não tardou para que ela notasse que Miguel era um menino especial. Ela estimulava sua criatividade e independência. Ele amava ler! O computador e a internet abriram seus horizontes a novos conhecimentos, para os quais estava sedento, ainda que inconscientemente. Aos dez anos de idade, Miguel não apenas usava com maestria a maioria dos aplicativos de seu computador, como já estava aprendendo a criar seus próprios programas, dando asas à sua criatividade com animações e joguinhos.

Miguel era uma verdadeira fábrica de ideias; tinha imaginação fértil. Um de seus passatempos preferidos era criar histórias em quadrinhos, com personagens de super-heróis que ele mesmo inventava para combater o mal. Em geral, eram personagens que uniam habilidades futuristas a vestes antigas das histórias de cavaleiros medievais, que gostava. Sua intenção era transformá-las em desenho animado em breve.

Clara tinha uma filha chamada Isabel. Miguel e ela tornaram-se inseparáveis desde que se conheceram na ONG. Bel, como ele a chamava, tinha a mesma idade que ele e era muito parecida com a mãe: loirinha, de cabelos longos e lisos, olhos claros e feições delicadas; apesar da aparência dócil, era uma leoa; amava o surfe e esportes radicais.

Mas nem tudo eram flores. Bel não trouxe apenas alegrias à vida de Miguel: ainda que inconscientemente, ela também lhe trouxe problemas. Lucas, seu irmão, dois anos mais velho, sempre foi uma criança rebelde. Ao longo de sua pré-adolescência, sua revolta se intensificou. Além de ser um troglodita, era bem mais alto e gordo do que Miguel; seu estômago parecia não ter fim. Dado seu porte, alguns colegas se escondiam constantemente atrás dele para fazer arruaças sem ser incomodados. Lucas liderava alguns de seus colegas *playboyzinhos* com menos cérebro que ele, que formavam uma espécie de gangue sob seu comando. Seus passatempos prediletos eram vandalizar e humilhar aqueles que discordavam de seus princípios. Miguel virou seu alvo predileto.

Dentre suas traquinagens, adoravam abaixar as calças de Miguel na frente de todos e conduzir sessões de “espancamentos”. Quanto mais ele reagia, mais apanhava. Mas o que machucava mesmo Miguel, e doía muito mais que as pancadas que tomava, era quando o humilhavam. Dada sua origem humilde, amavam esnobá-lo, ridicularizá-lo, diminuí-lo e xingá-lo de apelidos nada carinhosos, como “sarrazinho do morro” e “nerd favelado”. Sempre que Bel estava por perto, ela os repreendia, mas como ela nem sempre estava... Miguel nunca usou seus dons contra ele, mas bem que tinha vontade! Sua amizade com Bel o impedia de reagir, mas não era apenas isso que o travava. Lucas tinha o poder de fazer Miguel sentir-se um “nada” – e isso meio que sugava suas forças, impedindo-o de reagir.

Como Miguel e Bel eram inseparáveis, ele frequentava sua casa e seus passeios. Miguel acompanhava Bel e Clara em caminhadas pelas trilhas, escaladas, mergulhos – só não tinha aprendido a surfar como Clara fazia com maestria e Bel já dava os primeiros passos; esse definitivamente não era o seu forte; preferia assisti-las da praia ou ficar nadando.

Enfim, o principal passatempo de Miguel era brincar com Bel, criar e aprender. Como tantas e tantas crianças em sua idade, sofria assédio de alguns coleguinhas revoltados; Miguel havia se tornado um moleque “normal”.

Até o aniversário de 11 anos...



1. A Penetra Intergaláctica

Finalmente, chegou o dia do aniversário de Miguel. Era 13 de julho de 2013. A data marca o dia mundial do rock, apesar de seu aniversário nunca ter sido *rock and roll*: a monotonia imperava! Miguel nunca teve uma festa de aniversário. Para ele sempre foi um dia comum. Raramente ganhava presentes de sua mãe, pois ela não podia comprá-los. Zé Garoa achava frescura essas coisas, o negócio era comer “bem”. Além disso, Zé não queria colegas de Miguel na sua casa, por isso nem deles ganhava presentes. Seu aniversário se resumia a um bolinho de supermercado com uns palitos de fósforo. Miguel nunca reclamou de nada, sabia que sua mãe fazia o máximo que podia, mas como desejava uma comemoração de verdade! Ele nunca tivera uma festinha sequer, mas, naquele ano, tudo seria diferente!

Havia uns dois meses que alguns policiais “tomaram” a comunidade; pelo visto, tinham vindo para ficar. Diziam que iriam transformar a Favela da Mata em um bairro todo arrumado. Algumas coisas estavam mesmo melhorando: havia obras por todo o lado e a comunidade estava mais bonita e segura. Porém, o verdadeiro motivo de comemoração para Miguel era que Zé Garoa havia desaparecido da comunidade desde então – e, pelo visto, para nunca mais voltar. Sua mãe, no entanto, não estava comemorando: suas contas estavam se acumulando e ela estava bastante preocupada, mas nunca deixou Miguel perceber. E ele, distraído com tantas novidades, nem se atentou.

O fato é que, graças ao sumiço de Zé e à iniciativa de Clara, agora praticamente sua madrinha – ele até a chamava de dinda –, Miguel, ganharia um aniversário dos sonhos. Clara havia preparado uma festa para ele lá na quadra, com direito a bolas, convidados, brincadeiras e tudo

mais. Em seu barraco mal cabia ele e sua mãe, mas a quadra era enorme! E não seria qualquer festinha não, ia ter churrasco e tudo!

Miguel tinha ainda outros motivos para comemorar. Há muito que ele namorava umas plaquinhas eletrônicas que Clara usava para seus projetos de automação e robótica e ela havia prometido lhe dar um *kit* de presente, para que ele aprendesse a criar robôs e automatizar equipamentos, tal como ela. Para quem já sabia até montar computador, interconectar e programar aqueles “computadorezinhos” seria moleza!

Enfim, ele estava feliz como nunca! Mal acordou e arrastou sua mãe para a quadra, para que participassem dos preparativos. Não tardou até a festa começar. Clara e Bel chegaram em seguida. Miguel estava ansioso para o seu presente, mas nada. Até que Clara disse que o tinha escondido lá na casa dele, e ele, tal como um detetive, teria que encontrar. Disse que havia deixado umas pistas e tal.

Nem precisou falar duas vezes e lá foi ele correndo para casa. Estava tão animado que até esqueceu de chamar Bel para acompanhá-lo. Sua mãe gritou algo, mas ele nem ouviu. Miguel era fascinado por desafios, por investigar e desvendar mistérios. Bel tinha um jogo que ele amava, no qual era preciso seguir pistas corretamente para desvendar os casos; este era um de seus passatempos prediletos. Em se tratando de um mistério onde encontraria seu presente tão esperado, não havia tempo a perder!

Mal chegou em casa e partiu logo para o armário da pequena cozinha. Saiu abrindo vários potes e nada do presente. Partiu então para o seu armário: nada. Só podia estar no armário da mãe, claro! Saiu revirando as roupas, sem nem mesmo lembrar que ela teria um treco quando visse aquela bagunça, até que encontrou, dentro de uma pequena caixa de madeira!

— Nossa, maneiro! Show! A dinda caprichou mesmo. E ainda tem um bracelete!

Ao colocar o bracelete no braço, luzes azuis começaram a emanar daquele acessório. Em seguida, o objeto começou a emitir palavras desconexas, em outro idioma, talvez.

— Nossa, meus colegas vão achar irado! – exclamou Miguel.

— Idioma reconhecido, português do Brasil. DNA compatível, cidadão de Germinare. Onze anos de idade, nenhuma doença ou ferimento

detectados. Funções vitais normais, imunidade normal. Reconhecendo o perfil e o *Scutus* do usuário. Configurando as funções personalizadas. Dispositivo ativado – encerrou o aparelho, fechando-se no braço de Miguel e parando de emitir luzes.

– Desse eu nunca tinha visto! Como será que usa...?

Subitamente, o dispositivo voltou a emitir luzes e frases:

– Iniciando atualização do banco de dados para identificação da linhagem germinariana. Família 1345, analisando cadastro. Erro 47: sem acesso ao banco de dados do sistema Falcone. Partindo para o modo manual. Você é uma criança iniciada?

– Não – respondeu Miguel, sem saber exatamente do que se tratava.

– Por favor, informe seu nome e planeta.

– Miguel Andrade, do planeta Terra – disse Miguel, se divertindo. Irado, parece um brinquedo espacial!

– Ativando modo de iniciação para filhos de cidadãos em missão no planeta Terra.

Subitamente o bracelete abriu um compartimento e expeliu um pequeno disco brilhante, que caiu no chão. Sozinho, ele foi flutuando até o centro do teto do quarto, até que se deu um imenso clarão.

Miguel quase morreu de susto ao avistar uma mulher de pele muito alva, em um longo vestido branco que cintilava luzes azuis de forma intermitente.

– Saudações germinarianas, Miguel Andrade – falou a mulher dentro de sua cabeça.

Miguel fez menção de gritar, mas imediatamente perdeu a voz, como se tivessem desligado o alto-falante de um rádio. Ele estava acostumado a acessar o cérebro alheio, mas jamais acessaram o seu. Na hora pensou: *fantasma!*

– Reconfigurando o dispositivo para modo cidadão nascido em missão, criado no planeta Terra – emitiu o bracelete.

– Acalme-se, Miguel Andrade, não quero seu mal. Meu nome é Saragon. O que vê é um holograma, conectado a um avançado banco de dados e sistema computacional inteligente.

Aos poucos Miguel foi se acalmando e notou que o quartinho de sua mãe, originalmente de parede de tijolo sem embolso, se transformara em uma espécie de sala ultramoderna, composta por uma estranha e densa luz.

Observando melhor, notou que eram dois ambientes: uma espécie de laboratório do futuro e outro ambiente que era um misto de sala de aula e escritório hipermoderno. Ambos tinham na parede uma espécie de quadro, escrito: I9mentor.

Notou ainda que Saragon era feita da mesma luz dos ambientes. Curioso: ele tentou tocá-la, notando que não era apenas luz, mas uma forma consistente.

— Mais calmo, Miguel Andrade?

Ele tentou falar, em vão.

— Fale com a mente, Miguel. Nós, germinarianos, temos o dom da telepatia. Você já deve saber disso, não?

— Sim, mas nunca tinha conversado assim com alguém. Geralmente só eu coloco as coisas na cabeça das pessoas.

— Mas eu sou como você, Miguel, por isso temos habilidades similares. Este é um ambiente de emulação e treinamento. Ele é composto de um sistema avançado de inteligência artificial e biotecnologia, por isso é possível interagir comigo quase que de forma presencial. Essa emulação reproduz uma sala de nosso centro de treinamento em Germinare. Ela faz parte de um módulo de treinamento avançado para cidadãos em missão em outros planetas.

Apesar de não conhecê-la, era como se Saragon fosse familiar. Era uma senhora loira de cabelos curtos e penetrantes olhos verdes que podiam ser percebidos à distância. Sentia ternura em sua voz, como jamais sentira antes. Era como se seus sentidos estivessem ainda mais aguçados, a tal ponto que podia perceber os sentimentos e as intenções dela. Isso o confortou.

— Quem é você e o que quer de mim?

— Miguel Andrade...

— Por favor, me chame de Miguel apenas - interrompeu.

— Miguel, me chamo Saragon. Sou a rainha de Germinare e mentora da Academia I9mentor, o Centro de Formações Interplanetário dos Agentes das Galáxias. Assim como você, eu sou originária do sistema planetário de Falcone, mais especificamente do Planeta Germinare, a milhares de anos luz da Terra. Somos um povo imortal e pacífico, engajado em cumprir a lei do universo, garantindo a constante evolução das galáxias.

— Desculpe, vossa majestade... é assim que fala? Então a senhora tem milhares de anos?

— Sim, não envelhecemos em Germinare – divertiu-se Saragon.

— Então eu nunca vou envelhecer?

— Na Terra sim, mas após migrar para Germinare, não mais.

— Maneiro! E por que nunca ouvi falar da senhora e nem desse tal povo de Germinare?

— Agimos em silêncio, Miguel. Nós nos misturamos, camuflados, em meio a outros povos e os incentivamos a evoluir. A propósito, onde estão seus pais?

— Bom, o Zé sumiu e minha mãe está lá na quadra.

Percebendo o olhar confuso de Saragon, Miguel parou e pensou:

— Ah, a senhora diz os verdadeiros? Não sei, não. Sou adotado.

— Entendo... Miguel, milhares de anos atrás nosso planeta já foi como a Terra, mas evoluímos. Essa é a lei do universo, tudo deve evoluir constantemente através da meritocracia.

— Meritoca-o-quê?

— Meritocracia, Miguel. Significa que ninguém evolui sem merecer, sem fazer por onde.

— Ah, tá...

— Nada escapa a essa lei. Milhares de anos atrás, tal como, um dia, acontecerá na Terra, todos os seres rebeldes e de má índole de Germinare foram banidos e enviados a planetas menos evoluídos. Lá eles tiveram a chance de recomeçar seu processo evolutivo. Os que hoje restam em Germinare são pessoas de bem.

— E eu sou desse planeta, certo? Então também tenho essa missão?

— Isso mesmo. O sistema planetário de Falcone já atingiu o ciclo máximo de evolução, por isso todos os habitantes dos planetas foram es-

colhidos para ser os responsáveis por garantir a constante evolução das galáxias que ainda estão em estágios evolutivos inferiores, tal como a Via Láctea, da qual o sistema solar da Terra faz parte. Entendeu?

— A-hã!

— Nosso planeta, especificamente, é responsável por garantir a evolução moral, intelectual e comportamental dos cidadãos do universo. Os habitantes dos demais planetas que compõem o sistema Falcone têm outras responsabilidades, como garantir a evolução tecnológica interplanetária. Trabalhamos todos unidos em prol de um objetivo comum. Estudamos detalhadamente o planeta Terra, os seres humanos e o comportamento dos terráqueos há anos. Estudamos sua história, sua cultura, suas origens, suas lendas e suas ciências. Por isso, temos profundo conhecimento sobre esse povo. Todas as informações foram armazenadas em um imenso banco de dados, o que nos permite interagir com os terráqueos quase como se fôssemos um deles.

— Por isso meus pais vieram pra Terra?

— Sim, eles foram enviados para uma missão de grande importância. Estou sem acesso ao banco de dados, mas, até a última atualização, infelizmente você está sozinho neste planeta, Miguel.

— Sozinho não, tenho minha mãe, a dinda e a Bel...

— Sim, claro, o sistema devia ter feito isso automaticamente, mas... deve ter sido um *bug*... deixe-me checar seu histórico cerebral; não vai doer, não se preocupe.

Miguel ficou zozinho por alguns segundos. Sentiu como se estivessem sugando o seu cérebro.

— Agora vejo essas pessoas. Têm boa índole, Miguel. Você foi bem criado, é uma criança boa, digna de Germinare. Tem os genes e o potencial para se tornar um agente das galáxias de muito sucesso, pode acreditar.

— Eu?

— Isso mesmo. Nossos agentes têm duas missões básicas: proteger os cidadãos de terceiros e de si mesmos, além de investigar e sanar eventuais ameaças e ataques interplanetários.

— Proteger os cidadãos de si mesmos?

— Sim, Miguel. Muitas pessoas cultivam hábitos com os quais fazem mal a si mesmas.

— Tipo comer muito açúcar?

— Também – sorriu pela primeira vez Saragon. – Mas refiro-me ao ódio, ao egoísmo, à inveja, à soberba, à vaidade e outros males que atingem a humanidade. A propósito, você precisa regressar a Germinare para iniciar seus estudos. Precisa ficar ao menos três meses para realizar seu treinamento de iniciação. Depois, pode voltar e frequentar regularmente a Academia, se quiser.

— Mas e a minha mãe? E meus amigos?

— Não se preocupe, sua ausência sequer será notada. Um mês em Germinare corresponde a pouco mais de vinte minutos terrestres. Deixe-me checar algo... onde está o laboratório de teletransporte?

— Teletransporte?

— Sim, temos a capacidade de teletransportar pessoas em poucos segundos para qualquer parte do universo. A propósito, juntamente com esse bracelete você achou outras coisas. Deixe-me ver, por favor.

Miguel estava mesmo curioso em relação a todas aquelas coisas na caixinha de madeira. Prontamente, entregou-as a Saragon.

— Ah, isso é bom, temos alguma chance! Antes de cessarem as comunicações, seus pais esconderam seu *kit* de teletransporte na caverna secreta onde eles trabalhavam; lá instalaram o laboratório. A caderneta é um mapa de localização desse local, escrito no idioma de nosso povo. Esses objetos que parecem uma meia lua são miniescudos de Germinare: chaves que permitirão que você adentre o local e acione seus dispositivos, inclusive o *kit* de teletransporte, quando chegar o momento. Quanto ao cartão... é estranho...

— Estranho por quê?

— Porque... ameaça detectada!

Subitamente todo o ambiente desapareceu, assim como Saragon. Aquela espécie de bateria retornou rapidamente ao bracelete, como se fosse um superimã.

— Miguel, está tudo bem? – indagou Clara.

— Sim. Quer dizer, acho que sim.

– Você está pálido. Está mesmo tudo bem?
– Sim, está.
– Que lindo relógio, quem lhe deu?
– Relógio? Ah, é de brinquedo, ganhei hoje de um colega – desconversou Miguel.

– E aí, achou o *kit*?
– Sim, quer dizer, não... – disse, fechando a caixa de madeira e colocando o bracelete dentro, que se permitiu soltar de seu pulso. Procurei em tudo e não achei.

Achando que sua palidez se devia ao fato de não ter achado, Clara sentiu-se culpada. Rapidamente entregou o local do esconderijo:

– Está embaixo da sua cama, Miguel.

Ele apanhou e abriu o presente, sem muito entusiasmo. Aproveitou para esconder a caixa de madeira no mesmo lugar. Ao notar os pensamentos de Clara, que estranhavam sua atitude, tratou de se corrigir.

– Nossa, muito legal, dinda, amei!

E partiram para a festa. A comemoração estava muito animada, mas Miguel estava distraído. Milhares de perguntas se passavam em sua cabeça. Não conseguia parar de pensar em tudo o que viu e ouviu.

– Miguel, olha só, trouxe um queijo de coalho assado que você tanto gosta! – exclamou Bel.

– Ah, valeu.

– Você está bem?

Miguel até pensou em contar para ela, mas, por mais que Bel gostasse dele, acharia que estava doido. *Melhor deixar assim, ao menos por enquanto*, pensou.

– Sim, estou. Vamos brincar.

Aos poucos Miguel se soltou novamente. Apenas Bel era capaz de produzir tal efeito nele. Miguel contava os minutos para a festa acabar e a madrugada chegar, para que pudesse retomar seu papo com Saragon.

